

## SIDERURGIA E O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL <sup>(1)</sup>

ALMIRANTE LUCIO MEIRA <sup>(2)</sup>

A importante significação dêste XVII Congresso Anual que se realiza sob os auspícios da Associação Brasileira de Metais, não precisa ser posta em evidência pelo orador que com muita honra vos dirige a palavra neste instante. Todos vós que aqui vos reunís, técnicos nacionais e especialistas estrangeiros, estudiosos e profissionais das atividades sidero-metalúrgicas, estais, de uma maneira ou de outra, familiarizados com o êxito dêstes certâmes, o último dos quais, realizado em Pôrto Alegre no ano findo, aumentou, de fato, os nossos conhecimentos, pelas valiosas contribuições que constituíram o acêrvo final de seus trabalhos.

Escolhido para pronunciar a palestra oficial do XVII Congresso, e sei que a distinção me tocou por fôrça da função que exerço, de Presidente da maior emprêsa siderúrgica do País, — quero, primeiro, expressar a minha palavra de saudação a todos quantos aqui se encontram, à digna Diretoria da ABM, às autoridades, aos nossos ilustres anfitriões do Instituto Militar de Engenharia, aos que nos distinguem com a sua estimuladora presença, aos Senhores Congressistas, enfim.

Mas desejo também exprimir a minha confiança nos resultados que seguramente colheremos dêste Congresso. Sei que êles serão ainda melhores do que os obtidos nos anos precedentes, e não apenas porque temos todos, agora, mais experiência do que antes, em reuniões desta natureza, mas também porque hoje o Brasil está mais evoluído em todos os campos da tecnologia, em todos os setores da atividade econômica e, sobretudo, no da produção industrial. No domínio da siderurgia e da metalurgia, por exemplo, os importantes progressos que logrâmos fazer nos últimos anos tornaram as coisas mais claras e mais óbvias para todos e cada um de vós. Não somente no setor em que atuais, mas em tôdas as frentes da economia nacional,

- 
- (1) XVII Conferência Anual da Associação Brasileira de Metais. Proferida no Auditório do Instituto Militar de Engenharia (Praia Vermelha; Rio de Janeiro, GB), por ocasião da solene abertura do XVII Congresso Anual, em 9 de julho de 1962.
  - (2) Almirante da Marinha de Guerra Brasileira e Engenharia; Presidente da Companhia Siderúrgica Nacional; Rio de Janeiro, GB.

como é impossível deixar sensatamente de reconhecer, nossos técnicos e especialistas são hoje mais lúcidos e competentes, mais experientes e capacitados, pois têm maiores e mais amplas oportunidades de estudo, de ampliação prática dos seus conhecimentos, de aprendizagem funcional nos diversos ramos da atividade industrial.

Minha modesta contribuição aos vossos trabalhos resume-se no depoimento de um velho batalhador da emancipação econômica do Brasil, que encontrou na implantação de indústrias a mais poderosa arma para vencer essa luta.

O desenvolvimento econômico do Brasil — sua origem e perspectivas — e o papel da siderurgia no surto industrial que estamos atravessando, é o que pretendo, nesta despretensiosa palestra, trazer à vossa lembrança e meditação, como fundo de quadro para vossos debates e decisões.

\*

Realiza-se êste certãme em momento crucial e auspicioso para a economia nacional que, para orgulho nosso, fêz progressos notáveis nas últimas décadas. No campo da siderurgia, por exemplo, e considerando o pouco tempo decorrido desde que a abordámos, há uns vinte anos atrás, nossos avanços bem podem ser havidos como espetaculares, conquanto ainda insuficientes para satisfazer nossas crescentes necessidades. Nossa produção, nesse setor, elevou-se de quase nada — 141.000 t de aço em lingotes em 1940 — para 1.200.000 t em 1955 e 2.500.000 t em 1961, resultados que nos anunciam, sem dúvida, a conquista da verdadeira independência econômica.

Isso dá apenas uma medida do nosso progresso, da modernização da nossa economia. Não precisamos olhar para um passado muito remoto. Em 1930, quando instaurámos o que entre nós se convencionou chamar de Segunda República, a nossa higidez econômica era das mais débeis. Sofríamos, a essa época, de indisfarçável abulia econômica, e nos situávamos então, no terreno industrial, em terceiro lugar na América Latina.

Não sei precisar até que ponto a mobilização nacional provocada pela Revolução de 1930 teve influência no desenvolvimento que lográmos obter a partir daí. A resposta a esta questão é tarefa de historiadores, não de engenheiros, como eu. Apenas não ignoro, como economista autodidata, que a crise mundial iniciada em 1929 veio a ter decisivos efeitos promocionais na economia brasileira. Levou-a, a princípio num simples movimento natural de defesa, depois consciente e deliberadamente, com as medidas cambiais e de proteção aduaneira que

vieram a ser adotadas, a substituir importações, em nível empresarial bastante satisfatório para as nossas condições.

Alguns dados estatísticos nos convencem do enorme esforço interno realizado. Na década de 1921-1929 nossas exportações montaram a 806 milhões de libras-ouro, enquanto as importações alcançaram valor apenas ligeiramente menor, isto é, 675 milhões de libras-ouro. Na década seguinte, de 1931 a 1940, as exportações caíram drásticamente, é verdade, atingindo apenas 377 milhões de libras-ouro, e por outro lado as importações se reduziram para menos da metade, montando apenas a 303 milhões de libras-ouro.

Torna-se assim evidente que a produção interna, timidamente, mas de modo animador para uma primeira arremetida, começava a ocorrer à demanda nacional de bens de consumo. Iniciávamos, assim — e este é o fato positivo, — o nosso grande e vitorioso esforço de substituição de importações, acentuado poderosamente a partir da deflagração da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, quando o suprimento interno de bens importados, com perigo mortal para a nossa economia, chegou virtualmente a ser ameaçado de colapso.

Êsse foi um momento difícil para o nosso País. Hoje nós o bendizemos, como bendizemos tantas outras crises que, afinal e paradoxalmente, favoreceram o progresso da nossa economia. Aliás, a história da nossa industrialização comprova o que acabo de dizer. Uma crise a fêz nascer, há pouco mais de um século, no atrevimento de homens como Mauá — inovador na ação e no pensamento. Crises sucessivas a impulsionaram, especialmente a Primeira Guerra Mundial, a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e as convulsões econômicas dêste após guerra. Até aqui nossa industrialização tem sido como as procelárias do poeta, que se inebriam da tormenta e fogem à calmaria...

Nosso desenvolvimento econômico, espicaçado pelas crises, vem-se acentuando nos últimos tempos. Em 1930 éramos de uma indigência sem limites. Não produzíamos petróleo, não o refinávamos, sequer na mais mínima quantidade. Não produzíamos os veículos de que necessitávamos, e as estradas eram poucas, deploráveis, quase tôdas sem pavimentação. Não dispúnhamos senão de pequenas quantidades de combustíveis pobres e primitivamente utilizados, e nossa capacidade de geração de energia elétrica não chegava a 800.000 kW, enquanto apenas umas 385.000 toneladas de carvão mineral eram produzidas no País. Nos setores da siderurgia e da metalurgia, como disse antes, nosso desaparelhamento era quase total — produzíamos quantidades insignificantes de ferro-gusa e de aço em

lingotes, uma produção de fundo de quintal; e não produzíamos nem alumínio, nem chumbo, nem estanho. Outros bens essenciais, como o cimento, a borracha, o papel, a barrilha, a soda cáustica, o vidro, — também ou não os produzíamos os ou produzíamos em ínfimas quantidades. No setor dos transportes, tudo era deficiência: a frota mercante era exígua, um têrço, apenas, da que possuímos hoje, e as ferrovias, embora numerosas, não preenchiam o seu papel, pois além de desaparelhadas eram desarticuladas entre si, muito mais ainda que o são hoje. Não dispunhamos senão de um número limitado de técnicos e operários qualificados, — exatamente aqueles que tripulavam umas poucas indústrias, como a pioneira indústria textil, e o número de empregados na indústria era quase irrelevante. Éramos, enfim, um país nu, desamparado, inerme. Não tínhamos sequer um mercado nacional, mas pequenos mercados locais independentes uns dos outros, formando o esterilizante arquipélago econômico do qual sòmente agora, a pouco e pouco, começamos verdadeiramente a sair.

A essa época, portanto, não tão remota para a vida de uma Nação, vivíamos melancòlicamente, sem consciência dos nossos objetivos nacionais, conquanto o País começasse a amadurecer para as reformas. A pequena burguesia, as classes médias rurais e urbanas, as camadas inferiores da nossa sociedade já faziam sentir, viva mas impotentemente, a sua insatisfação contra a ordem de coisas, que se fundava na vontade dos grandes proprietários da terra e nas relações absorventes da propriedade cafeeira, que começavam a entrar o desenvolvimento de outras produções, como tão bem o sentiram os teóricos do *tenentismo*, expressão ideológica do movimento outubrista, e como ainda hoje o sentimos nós.

Mas nesse quadro sombrio começou então a operar-se o que costume chamar de o *milagre brasileiro*. Como sempre acaba por acontecer entre nós, as reformas se impuseram irresistivelmente. Essas reformas que o Brasil sabe realizar quando os processos amadurecem, quando a Nação se convence de que elas são indispensáveis à própria sobrevivência nacional. Quando o Brasil as decreta inadiáveis para ajustar as instituições às suas novas realidades, para assegurar que o seu crescimento e o seu progresso continuem a se fazer no ritmo necessário; quando o Brasil, com a sua lucidez e a sua perspicácia, finalmente as reclama, se bem que sòmente algum tempo depois que os mais inconformados começam a exigir a sua realização.

Foi sempre assim ao longo da nossa História. Aqui, as mais profundas mudanças institucionais têm ocorrido de modo relativamente pacífico, tôda a vez que a Nação se dá conta de que a hora das mudanças chegou. Isto aconteceu com o

Ato da Abertura dos Portos, que contrariou em sua época, através de um dignitário da Côrte, o Visconde de Cairú, tantos interesses conspícuos. Foi assim com a Independência, proclamada pelo herdeiro do trono português; com a Abolição, decretada por pressão de um Gabinete conservador, em cujo seio os interesses representados eram predominantemente os dos senhores da terra, que prosperavam até então à custa do trabalho servil. Foi assim também com a República, implantada por um Marechal do Império, e ousou dizer que assim o foi igualmente com a segunda fase da nossa industrialização, que modernizou a nossa estrutura econômica e desfechou o processo final do desenvolvimento brasileiro. Essa industrialização, como está na consciência de todos, foi iniciada e acelerada, a partir da década dos 30, por um estancieiro, o saudoso Presidente Vargas, que se revelaria também um audaz porta-voz dos novos tempos e artífice inspirado de reformas estruturais profundas, tais como a eleitoral e a da legislação social-trabalhista. A primeira universalizou popularmente o voto, deu estatuto cívico às mulheres, trouxe para as responsabilidades do poder as massas populares e trabalhadoras urbanas, e fez do povo o agente ativo do processo político da Nação. A outra, dignificou as massas obreiras do País, entronizando entre nós a idéia de justiça social, que é hoje uma das mais sentidas reivindicações do povo brasileiro.

Tais reformas, que sacudiram os alicerces da nossa sociedade, foram feitas, como outras tantas, no momento justo e pelas mãos das próprias classes dominantes, cujos setores mais lúcidos a elas aderem e terminam por conduzi-las, como tem sempre acontecido ao longo do processo evolutivo da Nação brasileira. Antevejo que o mesmo irá acontecer, mais uma vez, com as reformas que a Nação tanto vem exigindo dos seus líderes e de suas elites, sob o clamor do homem humilde das ruas. Reforma bancária, reforma administrativa, reforma tributária, reforma agrária, reforma, até mesmo, na maneira de encarar os problemas e de distribuir as benesses do desenvolvimento, para nelas assegurar a participação das áreas retardatárias da economia brasileira, e das populações que ainda vivem ao desamparo no recôndito do território nacional. Essas algumas das reformas que ora nos desafiam e que a todos nos obrigam, pois delas a Nação não pode prescindir para viver melhor e mais dignamente.

\*

Direi, pois, que começou a partir da década dos 30, lenta mas seguramente, uma nova etapa da economia brasileira, na sua marcha para a industrialização.

Em 1940 nossa economia já tinha uma nova fisionomia. Avanços decisivos registravam-se então em todos os setores, como, por exemplo, no do cimento, cuja produção subira para mais de 700.000 toneladas/ano; no da capacidade de geração de energia elétrica, que já se expressava em mais de 2.500.000 kW; no do carvão, cuja produção mais que triplicara no decênio, alcançando cêrca de 1.300.000 toneladas/ano; no do papel, da siderurgia, da soda cáustica, e até mesmo no dos meios de transporte, os progressos já eram evidentes, conquanto insuficientes, ainda.

Ao impacto dessas tranformações, começaram a definir-se melhor e a tornarem-se cada vez mais nítidos os objetivos nacionais, e isto até mesmo para as camadas mais amplas do povo, já incorporado ao processo político da Nação, através da reforma eleitoral.

Foi aí que se criaram, finalmente, as condições para o aparecimento da nossa moderna siderurgia à coque metalúrgico, com a constituição da Companhia Siderúrgica Nacional e a imediata construção de sua grande Usina, plantada no coração do predestinado Vale do Paraíba, que bem podemos chamar de *Rhur brasileiro*. Essa obra nós a devemos ainda ao espírito empreendedor do inolvidável Presidente Vargas.

Teve ela, como todos o reconhecem hoje, profunda e benéfica influência no comportamento nacional, a partir da década dos 40, quando teve início uma nova fase de nossa história econômica, já sob o crivo de uma crescente e diversificada industrialização.

Não precisamos recorrer às estatísticas para comprová-lo. Nos decênios mais recentes, já sob a égide de Volta Redonda, o Brasil modernizou-se, cresceu "*para dentro*", realizou profundas mudanças em sua estrutura econômica, adquiriu conteúdo, numa palavra. E a ninguém é lícito surpreender-se com que isso tenha acontecido, pois o advento da siderurgia de porte prenunciava a grande transformação e erigir-se-ia no marco característico entre a fase das importações de bens elaborados de consumo corrente e a nova etapa que se lhe seguiu, em que o País se tornou apto a produzir parcela decisiva dos bens de capital necessários à sua industrialização.

No curso desse processo, em que se ampliou e continua a ampliar-se o suprimento interno de bens elaborados, o Brasil implantou indústrias básicas e de alta complexidade técnica, como a automobilística, a de material ferroviário, a de tratores, a de construção naval, as de implementos e máquinas agrícolas, a de material elétrico pesado, a de equipamentos industriais e

máquinas operatrizes, a de máquinas rodoviárias e a de grandes motores Diesel. — tôdas elas, em grande escala, consumidoras de aço e de produtos metalúrgicos. O desenvolvimento dessas indústrias tornou-se possível graças à produção da Usina de Volta Redonda, que teve assim influência marcante na edificação do parque industrial que aí está e do qual tanto nos orgulhamos, a justo título. Com a sua grande siderurgia, o Brasil adensou-se, criou substância, enfim, e tornou-se apto a ocupar os espaços vazios do território que os estadistas do Império e da República lhe traçaram.

E prossegue o Brasil em marcha acelerada para a conquista do seu futuro de grande potência. Ainda no ano findo, que não foi para nós um ano tranqüilo, a taxa de crescimento da economia nacional manteve o seu ritmo de expansão, situando-se em torno de 7% a 8%, um dos índices mais altos do mundo e que atesta a extraordinária vitalidade econômica do País. Em todos os setores, a produção nacional acusou aumentos auspiciosos no ano que passou. Boa taxa de aumento na produção agro-pecuária, crescimento rápido e continuado na indústria, animadora recuperação no comércio exterior, — eis alguns “flashes” da nossa atividade econômica em 1961.

Chegamos, agora, sem dúvida, a um momento em que o sistema econômico nacional não tem propriamente nenhuma deficiência essencial para atender às necessidades do mercado brasileiro no nível em que se encontra, salvo no tocante a algumas grandes indústrias de base — e entre elas se inclui a indústria siderúrgica — e a certos serviços de utilidade pública, ou assemelhados, — como energia, transportes, comunicações, etc., inclusive os que são indispensáveis à vida urbana. Essa ampla frente setorial retardada — para cuja dinamização, entretanto, já estão criadas as necessárias premissas materiais — apresenta-se como campo capaz de absorver aplicações de enorme vulto, sustentando a conjuntura, absorvendo parte da mão-de-obra nacional disponível e contribuindo decisivamente para a maior expansão do mercado interno.

Tais setores são ilhas de subdesenvolvimento, a serem naturalmente extirpadas, se quisermos, como de fato o queremos, imprimir uma enérgica aceleração ao relativo desenvolvimento que já logramos obter no conjunto da economia. Impõe-se, com esse objetivo, um amplo esforço nacional, o que não me parece difícil concretizar-se, pois as deficiências a que me refiro não significam senão que o Brasil excedeu tôdas as expectativas de crescimento, superando de muito a capacidade dos seus tradicionais serviços de utilidade pública e mesmo, como é o caso da siderurgia, a de algumas das suas mais recentes realizações no setor industrial.

É grato verificar-se que os responsáveis pela condução dos negócios públicos, nas três órbitas de govêrno — federal, estadual e municipal, — estão cada vez mais conscientes de que o Brasil deve mobilizar-se para superar o seu atraso nesses setores; a par das realizações empreendidas pela iniciativa privada, cumpre assinalar o surgimento de programas governamentais que vão sendo cumpridos com maior ou menor êxito, em tôdas as regiões do País. Os investimentos em marcha, como os ainda por lançar, quer no setor público, quer no privado, manterão o ritmo de crescimento da demanda global, que não poderá ser atendida, ao menos prioritariamente, senão pela indústria existente ou a criar no País, pois maciços e indiscriminados suprimentos exteriores não teriam, nas nossas condições atuais e imediatamente previsíveis, cobertura através de exportações, e, se obtidos a crédito, provocariam a crise, ampla e generalizada, da economia nacional, em sua atual estrutura, pois redundaria na sub-utilização dos fatores de produção nacionais.

\*

Não vejo razões válidas para a importação de bens, equipamentos e materiais estrangeiros, nos quadros de um balanço de pagamentos ainda deficitário como é o nosso, sempre que os pudermos suprir com a produção interna. É o caso, por exemplo, dos auto-veículos, dos navios, de certos itens da indústria mecânica pesada, em que já somos auto-suficientes.

Neste passo, e para não falar na efetiva capacidade que já temos de produzir cêrca de 200.000 veículos automotores por ano, e de, pròximamente, fabricar cêrca de 200.000 dwt de navios, também anualmente, quero recordar-vos que estudos recentes, promovidos pela CEPAL, em colaboração com a Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base e com o Grupo Executivo da Indústria Mecânica Pesada, demonstraram que para a execução de um programa que a muitos pode parecer ambicioso, de expansão da indústria de petróleo e derivados, da geração de energia elétrica, da siderurgia, da fabricação de papel e celulose, o de cimento, seria mister colocar encomendas, além das que já foram objeto de compromissos, dentro e fora do País, de quase um bilhão de dólares de equipamentos, até 1970. Ora, dêsse total, foi calculado que não menos de 80% podem, nas condições atuais, ser supridos, no período, pela indústria brasileira de bens de equipamento.

Aí está um resultado do qual podemos, a justo título, nos orgulhar, porque representa um importante marco miliar no caminho do nosso desenvolvimento econômico, da nossa independência nacional, tão estreitamente ligada à expansão da indús-



tria de base — dessa indústria que Mauá, homem oracular para o seu tempo, denominava a mãe de tôdas as outras. Mas êsse brilhante resultado, apreciado em sua justa perspectiva histórica, é ainda muito modesto. Afinal, um bilhão de dólares, em nove anos, mesmo considerando as instalações já adquiridas e o número restrito de setores industriais citados, é muito pouco para um País como o nosso. Continuará a ser um resultado muito aquém das nossas necessidades e possibilidades, mesmo para um período bem menor.

\*

Não nos deixemos, entretanto, empolgar demasiado pelos êxitos alcançados na luta pela liquidação do nosso atraso. Em verdade, somos ainda um país subdesenvolvido, com a circunstância de que estão criadas as pré-condições materiais para uma enérgica aceleração do relativo desenvolvimento que já logramos obter. Por um lado, em razão mesmo do reconhecido arcaísmo da nossa estrutura agrária, temos uma distribuição muito desigual da renda, o que quer dizer que qualquer aspiração ao equilíbrio econômico, mesmo precário, só se torna viável nas condições criadas por uma taxa excepcionalmente elevada de formação de capital; por outro lado, a produção nacional de bens de capital, dos bens em cuja aquisição deverá exprimir-se a formação de capital, expandiu-se rapidamente nos últimos anos, ao ponto de suscitar em alguns setores da indústria mecânica pesada e congêneres uma ponderável margem de capacidade ociosa.

O nosso destino de País importador de equipamentos, ou, como tudo já faz crer de certo tempo a esta parte, de País relativamente auto-suficiente nesse setor, depende, portanto, em última análise, do ritmo que imprimirmos ao nosso desenvolvimento. Tal seja a intensidade dêsse ritmo, a demanda nacional de capitais pelas indústrias e pelos serviços retardatários do sistema econômico brasileiro (entre os quais se encontram a siderurgia, o petróleo, a indústria química pesada, além dos grandes serviços de utilidade pública); excluirá, ou não, a necessidade de recorrer, em margem mais ou menos ampla, ao capital externo, decidindo assim se deveremos, ou poderemos contentar-nos com a capacidade interna.

A correção das deficiências, já apontadas, do sistema econômico brasileiro, reserva uma tarefa importantíssima à Companhia Siderúrgica Nacional. Após haver deflagrado o processo de criação e expansão da indústria de base e da indústria de transformação em nosso País, em sua moderna fase, essa grande empresa pública se deixou superar pelos acontecimentos. Deixou-se, em outras palavras, ultrapassar pelas próprias indústrias

que se criaram à sua sombra, as quais cresceram e se desenvolveram tanto, e em tal número surgiram no Brasil, que a siderurgia nacional, impulsionada pela Usina de Volta Redonda, já não está mais em condições de sustentá-las e abastecê-las com o aço de que necessitam sôfregamente. A siderurgia figura, assim, neste momento entre os setores retardatários da atividade econômica do País.

Ora, isto é um contra-senso, no nosso atual estágio de desenvolvimento, e um contra-senso maior ainda quando atentamos para as nossas potencialidades. O Brasil, por seus recursos extraordinários em minérios de ferro, pela singular estrutura de sua economia, que nos leva sempre a aspirar ao que há de mais nôvo em matéria de tecnologia, por fôrça do dinamismo dos tempos em que vivemos, tudo tem para ser um dos grandes produtores mundiais de ferro e aço, nada justificando o apagado lugar que ocupa atualmente nesse setor, com mais de vinte países à sua frente, em 1960. Temos, é certo, o problema do carvão. Mas ninguém pode levar a sério os pessimistas que duvidam de que, de um modo ou de outro, resolveremos êsse problema, — seja pela descoberta do bom carvão, como êsse que se afirma existir no Xingu, ou por outro expediente, que nos permita usar os carvões pobres do Sul ou do Solimões; por outros meios, ainda, como o da eletro-siderurgia, o emprêgo de petróleo e de gases combustíveis naturais ou de usina, como os que a técnica moderna promete obter do xisto betuminoso, tão abundante no Estado do Paraná como no Vale do Paraíba, e cuja utilização, nos altos fornos, permitirá a redução do consumo de coque e o aumento da carga de minério por corrida.

Êste o nosso destino e êste o desafio que a História nos lança. Entretanto, para chegarmos até lá, há um longo e difícil caminho a percorrer. A verdade é que, não obstante o alto nível relativo ao desenvolvimento que já alcançávamos no que corresponde a certas indústrias consumidoras de aço — como a indústria automobilística, a indústria de construção naval e a indústria mecânica pesada, entre as outras de que vos falei anteriormente, e às quais devemos acrescentar a indústria de produtos alimentícios, cujo consumo de matéria-prima se expande continuamente — temos ainda o ínfimo consumo anual de aço por habitante de cêrca de 45 kg, contra a média mundial de 115 kg por habitante/ano, em 1961, cumprindo ressaltar que, do nosso total “per capita”, aproximadamente 10 kg por habitante/ano correspondem à importação e apenas 35 kg à produção nacional.

No planejamento da siderurgia, que se faz obrigatòriamente a longo prazo, como sabeis, seria demasiado pretender em 1970, daqui a nove anos, situar-nos no nível correspondente à produ-

ção mundial “per capita” o que importaria em produzir doze milhões de toneladas de aço. Os estudos correntes estabelecem alvos mais modestos conquanto exijam de nós, para alcançá-los, ingentes e continuados esforços. Visam a atingir, em 1965, 4,5 milhões de toneladas/ano de lingotes, produção superior em 80% à de 1961, e 6 a 7 milhões de toneladas em 1970, — vale dizer, mais 180% do que a registrada no primeiro ano do decênio.

Está na nossa obrigação alcançar êsses alvos e se possível superá-los, porque a aceleração do nosso desenvolvimento econômico, previsível, creio demandará ainda maior produção de aço.

Não abusarei da vossa paciência falando-vos da demanda potencial das indústrias consumidoras de aço; lembrarei apenas que a indústria automobilística já está exigindo, a esta altura, cerca de 500.000 toneladas de aço em lingotes, que a indústria naval, dentro de mais um ano necessitará de outras 100.000 toneladas, e que a indústria de produtos alimentícios reclama, neste instante, um suprimento de fôlhas de flandres correspondente ao dôbro da quantidade que a produção interna ora lhe pode oferecer.

Em 1970 a indústria de cimento deverá produzir 10.850 mil toneladas, a capacidade geradora de energia elétrica instalada alcançará 14 milhões de kW, estaremos produzindo 1.600 mil toneladas de papel, a indústria de petróleo poderá refinar 460.000 barris diários de petróleo e a indústria automobilística terá uma produção superior a 300.000 unidades por ano.

Êstes números, que talvez a muitos poderão surpreender, são irredutíveis se quisermos manter o ritmo do desenvolvimento econômico do País, sem o que inevitável e insolúvel será a crise, e dão as dimensões do esforço que a indústria siderúrgica terá de desenvolver para atender à correspondente demanda de aço.

\*

O progresso econômico do Brasil, já tem sido dito, é catastrófico por sua própria natureza, — um jôgo de vai-e-vem, digamos assim. Primeiro desenvolvemos a agricultura exportadora, descurando de tudo o mais. Depois passamos a expandir a indústria leve, sem maior atenção para as indústrias de base que servem de infra-estrutura àquela, sobrecarregando em consequência o balanço de pagamentos. Em seguida estramos a criar a indústria supridora de equipamentos, a ritmo galopante, relegando a segundo plano as indústrias que devem suprir a matéria-prima para os equipamentos e a energia que os deve mover.

Criou-se assim o gargalo siderúrgico e é inevitável que a economia nacional reaja, desta vez como das outras, por uma concentração de esforços no rompimento desse gargalo, suscitando as instituições adequadas para isso.

Quero referir-me, neste passo, ao problema muito atual da captação de recursos para o aumento da produção siderúrgica. Não ignoreis que a siderurgia — especialmente no caso da nossa Companhia Siderúrgica Nacional — tem sido usada como instrumento para promover o desenvolvimento de outros setores da economia, setores, então, não o neguemos, mais merecedores de prioridade. Isso se refletiu no regime de preços a que foi submetida, porque ao Estado interessava que as indústrias em crescimento prioritário fôsses subsidiadas através dos bens de produção, nacionais ou estrangeiros, necessários à sua expansão.

A Companhia Siderúrgica Nacional cumpriu com honra essa missão e vendeu seus produtos a preços nitidamente portadores de subsídios. Sua equação econômico-financeira debilitou-se por isso, freando sua própria expansão, fato que passa a ter decisiva relevância, agora que soou a hora do destino que converte a siderurgia num dos pontos de estrangulamento mais sérios de todo o sistema econômico e que decreta seja esse um setor a desenvolver prioritariamente. Sua equação econômico-financeira terá que se ajustar a essa situação, a fim de que ela, a nossa grande empresa pioneira, possa captar os recursos sob o comando das atividades anteriormente desenvolvidas, — e desenvolvidas, em boa parte, graças a ela.

As perspectivas a esse respeito são animadoras. Não é caro o capital no mercado nacional. Muito ao contrário, visto como se exprime através de taxas negativas de juros reais. Não parece impraticável, portanto, a canalização dos recursos gerados nos outros setores para os setores prioritários na presente conjuntura.

A dificuldade transitória na captação de recursos nacionais será removida a seu tempo. Será removida como, a seu tempo, o foi o regime do câmbio cadente, que dificultava o desenvolvimento da indústria leve, ao lhe encarecer os equipamentos; será removida, em sua oportunidade, como o foi o regime do câmbio congelado, nas condições de crescente inflação, que retirava todo estímulo à produção nacional de bens de capital. Isto feito, os recursos fluirão naturalmente, na escala necessária, para o setor a desenvolver-se prioritariamente, porque as indústrias responsáveis pelo suprimento de produtos escassos são aquelas que contam com maior eficácia marginal do capital, devendo, portanto, intervir no mercado como tomadoras de recursos. Não nos preocupemos, portanto, com os óbices momentâneos, mesmo

porque não está na tradição dêste nosso extraordinário País deixar problemas sem solução, quando êles de fato amadurecem, como êste amadureceu.

\*

O panorama da indústria siderúrgica brasileira no futuro próximo é, sem dúvida, o que acabo de descortinar. A Companhia que presido, pioneira da grande siderurgia nacional, está ciente e consciente do seu papel; se prepara rãpidamente para desempenhar a sua função no desenvolvimento do parque siderúrgico do País.

Elevaremos de imediato a capacidade de produção da Usina de Volta Redonda para cêrca de um milhão e meio de toneladas/ano de lingotes, isto, essencialmente, com o aumento da produtividade do atual equipamento, eliminando alguns pontos de estrangulamento e introduzindo inovações tecnológicas que permitam melhorias de performances. Em seguida, e de acôrdo com estudos já encetados, marcharemos para alcançar produção da ordem de 2,5 a 3 milhões de toneladas/ano. É possível atingir tal objetivo com investimentos unitários bem menores do que os exigidos por nova usina, noutra local, eis que grande parte das economias internas e externas existentes passarão a ter melhor utilização. Sobreleva notar que o tempo a despender na ampliação será considerãvelmente mais reduzido do que o necessário à construção de uma nova usina. E não é só: isso implicará em maior rentabilidade do investimento total da empresa, ao ter expandida a sua capacidade de produção. Nada impede contudo que, concomitantemente, seja estudada pela Companhia Siderúrgica Nacional — e disto ela começa a cogitar — a conveniência de construir oportunamente novas usinas em outros locais técnica e econômicamente indicados, tendo em vista a necessidade, que o Brasil determinar, de elevar-se verticalmente a produção nacional de ferro e aço.

A par dêsses planos de expansão, seguindo a diretriz que se impôs de produzir cada vez mais aço nas melhores condições econômicas, cuida ainda a CSN do aperfeiçoamento constante da tecnologia siderúrgica, tendo em vista adaptã-la às condições e possibilidades da economia nacional. Pretende, para isso, transformar em um grande *Centro de Pesquisas* o seu atual laboratório e dar maior amplitude e flexibilidade ao seu serviço de "engineering", que já vem prestando assistência técnica ao parque siderúrgico brasileiro.

Pretendemos que a experiência siderúrgica brasileira se constitua numa preciosa fonte de ensinamentos para os povos em estágio inicial de industrialização, especialmente os da América

Latina e da África. Volta Redonda, como sabeis, já é um centro de treinamento para jovens técnicos, não só nacionais mas, também, estrangeiros.

\*

Meus Senhores:

Já vos disse que a siderurgia teve no recente passado, tem no presente e terá no futuro, papel relevante a desempenhar em prol do desenvolvimento econômico do Brasil. A Companhia Siderúrgica Nacional, sob a minha presidência, tem plena consciência desse fato e por isso se prepara, orgulhosamente, para aumentar a sua produção, para aumentá-la até os limites exigidos pelo País. A esse dever não poderia faltar, porque sabe que a sua missão é a de produzir mais aço para o Brasil.